



São Paulo, 24 de maio de 2017.

Comissão de Valores Mobiliários – CVM
Rua Sete de Setembro, n.º 111, 2º andar, Centro
CEP 20.050-901, Rio de Janeiro/RJ

Superintendência de Relações com Empresas – SEP
At. Sr. Fernando Soares Vieira

Gerência de Acompanhamento de Empresas – GEA-2
At. Sr. Fernando D'Ambros Lucchesi
Sr. Paulo Portinho

Ref.: Ofício nº 175/2017/CVM/SEP/GEA-2

Questionamento:

“1. Tendo em vista os sucessivos vazamentos do teor e conteúdo de procedimentos processuais e legais, aos quais estão sendo submetidos tanto a Companhia quanto seus executivos, muitos dos quais confirmados por comunicados da própria empresa (como o acordo de colaboração premiada de executivos), reportamo-nos às notícias veiculadas em 16.05.2017 e 19.05.2017, no site O Antagonista sob os títulos "WESLEY: "JOESLEY SABE QUEM É O DONO DE OFFSHORE SECRETA SÓCIA DA JBS" e "Exclusivo: JBS negocia compra das ações da Blessed", em que o veículo afirma ter tido acesso ao depoimento do Sr. Wesley Batista à Polícia Federal e o reproduz em parte, além de afirmar que a JBS está em tratativas para comprar a participação da Blessed Holding, e também à notícia veiculada em 22.05.2017, no site Brazil Journal, sob o título "Esqueletos da JBS podem quebrar império dos Batista", em que o veículo trata, entre outros temas, da propriedade da Blessed Holding, conforme as seguintes e principais informações:

WESLEY: "JOESLEY SABE QUEM É O DONO DE OFFSHORE SECRETA SÓCIA DA JBS"

Em seu depoimento à Polícia Federal, obtido com exclusividade por O Antagonista, Wesley Batista revela que só seu irmão Joesley sabe "a quem pertence a Holding Blessed", aberta após a aquisição pela JBS do frigorífico Bertin.

Em 2014, o Estadão revelou que a offshore Blessed, sediada em Delaware, detinha 13% do capital total da JBS - depois reduzido para 6,6% ou R\$ 1,5 bilhão. Ninguém no mercado, porém, sabia dizer quem eram os donos da empresa.

Depois de cobranças da CVM, a JBS informou que a offshore estava em nome das seguradoras US Commonwealth Life e Lighthouse Capital



Insurance, com sedes em paraísos fiscais. O principal acionista? Colin Murdoch-Muirhead, um cidadão das Bermudas.

Para os investigadores, trata-se de uma fachada para ocultar o real proprietário. Só Joesley poderá responder, segundo Wesley. O irmão, que ainda está no exterior, também poderá falar sobre a participação de Lúcio Funaro na compra do Bertin e eventual envolvimento de Eduardo Cunha no caso.

Transcrição das páginas do documento apresentado pelo site: "QUE sobre a HOLDING BLESSED e a estrutura societária após a aquisição do FRIGORÍFICO BERTIN, seu irmão JOESLEY é quem tem as informações; QUE não sabe dizer a quem pertence a HOLDING BLESSED, nem se essa HOLDING era do Grupo BERTIN [...] QUE foi seu irmão JOESLEY quem tratou dessa compra, não sabe dizer a participação de LUCIO FUNARO no negócio..."

Exclusivo: JBS negocia compra das ações da Blessed

O Antagonista soube que a JBS negocia a compra dos 6,6% das ações do grupo que ainda estão nas mãos da suspeitíssima offshore Blessed Holdings. O valor supera R\$ 1,5 bilhão.

Como já comentamos aqui anteriormente, a Blessed, sediada em Delaware, está em nome de duas seguradoras - baseadas nas Ilhas Cayman e em Porto Rico - que pertencem ao americano Colin Murdoch-Muirhead.

A empresa já teve 13% da JBS, mas o percentual foi reduzido após uma reestruturação societária do grupo. Como publicamos no início da semana, Wesley Batista, na Operação Bullish, disse que Joesley sabe quem é o dono da offshore, mas nada foi dito em sua delação premiada e ele não precisará mais depor à PF naquela investigação. O segredo está muito bem guardado e desaparecerá em breve. Grifo nosso.

Esqueletos da JBS podem quebrar império dos Batista

[...] Além dos irmãos Batista, a JBS sempre teve um acionista misterioso: a Blessed Holding, uma sociedade incorporada no Estado de Delaware, nos EUA, onde as regras para abertura de empresas são menos rígidas.

Até meados de 2014, a Blessed era dona de 13% da JBS — até que o jornal O Estado de São Paulo começou a fazer perguntas à CVM.

Na ocasião, a JBS alterou seu formulário de referência (um documento que as empresas têm que arquivar com a CVM), reduzindo a participação da Blessed na companhia para 6,6%. Na época, os irmãos Batista diziam não saber quem estava por trás da Blessed.

Por sua vez, a Blessed tem como acionistas duas seguradoras sediadas em paraísos fiscais diferentes, mas com telefones e emails para contato iguais. Seus nomes: US Commonwealth Life (com sede em Puerto Rico) e Lighthouse Capital Insurance (sediada em Cayman).

Até hoje, as pessoas físicas por trás dessas seguradoras nunca foram identificadas, mas sabe-se que a Blessed nasceu logo após a fusão da JBS com outro frigorífico, o Bertin — uma operação patrocinada pelo BNDES.



Em 2009, com o Bertin vergando sob uma dívida de R\$ 6 bilhões, o BNDES decidiu que fazia sentido enterrar a dívida da Bertin na JBS, que ia bem. Formava-se assim um 'campeão nacional' cada vez mais 'too big to fail', e de quebra se escondia que o banco havia errado ao financiar o Bertin.

Logo depois da fusão, a Blessed apareceu no formulário de referência da JBS como parte da cadeia societária que controla a empresa dos Batista. E, em meados de 2013, a Blessed virou pivô de uma briga entre os Bertin e os Batista, com os primeiros acusando os últimos de falsificar assinaturas e roubar-lhes R\$ 1 bilhão. No ano seguinte, as famílias chegaram a um acordo pelo qual os Bertin saíram da sociedade, mas a Blessed até hoje continua sendo um ponto de interrogação.

E é justamente a compra da Bertin que é o problema para os Batista.

*A JBS deu à família Bertin 28% de seu capital na fusão, mas logo em seguida a Blessed comprou de volta dois terços das ações do Bertin por R\$ 17 milhões. **Documentos do processo entre Bertin e JBS sugerem que a Blessed pertence na verdade aos Batista, e que o contrato original de fusão continha um adendo de gaveta detalhando esta recompra a desconto. Isso significa que a JBS de fato nunca avaliou a Bertin por R\$ 12 bilhões, conforme noticiado, mas sim por R\$ 1,5 bilhão. Esta fraude diluiu os acionistas minoritários da JBS, incluindo o BNDES.** Ao mesmo tempo, na opinião de fontes que conhecem as filigranas da transação, a sobreavaliação da Bertin criou outra fraude: um ágio indevido de R\$ 9 bilhões. Grifo nosso.*

Se as autoridades concluírem que houve fraude no ágio, isso significará que os balanços da JBS desde 2009 (ano da fusão) estão todos errados, e terão que ser refeitos. Como toda a dívida bancária da JBS foi dada sob a premissa de que seus balanços eram reais, isso pode levar os credores a acelerar a dívida da empresa, que hoje chega a R\$ 56 bilhões (dívida bruta no final de 2016).

2. Adicionalmente, ressaltamos que esta CVM, em 30.05.2014, enviou o OFÍCIO/CVM/SEP/GEA-2/Nº 126/2014 com a seguinte exigência: "em relação à Blessed Holding, deverão ser identificados seus controladores diretos e indiretos, até os controladores que sejam pessoas naturais, independente do eventual tratamento sigiloso conferido às informações por força de negócio jurídico ou pela legislação do país em que forem constituídos ou domiciliados o sócio ou controlador.". Em 03.06.2014 a Companhia protocolou resposta afirmando ter indicado em seu formulário de referência as pessoas naturais controladoras da Blessed Holding.

3. A respeito e tendo em vista que a Companhia confirmou acordo de colaboração premiado entre executivos da JBS e de sua holding controladora, requeremos a manifestação de V.S.a sobre a veracidade das afirmações veiculadas nas notícias e, caso afirmativo, solicitamos esclarecimentos adicionais a respeito do assunto, bem como informar os motivos pelos quais entendeu não se tratar o assunto de Fato Relevante, nos termos da Instrução CVM nº 358/02. Além disso, deverá se manifestar sobre a veracidade das informações prestadas em seu Formulário de Referência, no



que se refere aos verdadeiros controladores da Blessed Holding, considerando inclusive o disposto no artigo 14 da Instrução CVM nº480/09.”

Prezados Senhores,

Em atendimento à solicitação de Vossas Senhorias, vem a **JBS S.A.**, sociedade por ações de capital aberto com sede no município de São Paulo, estado de São Paulo, na Avenida Marginal Direita do Tietê, 500, Bloco I, 3º andar, Vila Jaguara, CEP 05118-100, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 02.916.265/0001-60, neste ato representada por seu Diretor de Relação com Investidores (“Companhia”), em atendimento à solicitação feita pela Comissão de Valores Mobiliários (“CVM”) no Ofício nº 175/2017/CVM/SEP/GEA-2, de 23 de maio de 2017 (“Ofício”), por meio desta, tempestivamente, prestar os esclarecimentos solicitados.

1. A Companhia informa, inicialmente, que, anualmente, atualiza o item 15 do Formulário de Referência, nos termos do artigo 24, parágrafo 3º, da Instrução CVM 480/2009 e questiona seus acionistas controladores e detentores de quantidade superior a 5% das ações de sua emissão sobre qualquer alteração em sua participação acionária na Companhia.

2. Desde 3 de junho de 2014, a Companhia não recebeu qualquer atualização de seu acionista indireto, Blessed Holdings, sobre a composição de sua participação acionária, que vem se mantendo ao longo dos últimos anos, de modo que as informações prestadas em seu Formulário de Referência estão, portanto, devidamente atualizadas.

3. No que se refere às notícias veiculadas em 16.5.2017 e 19.5.2017, mencionadas no Ofício, a Companhia informa não estar envolvida em qualquer tratativa para aquisição de participação na Blessed Holdings.

4. Assim, a Companhia entende não haver qualquer informação relevante sobre os temas tratados no Ofício a ser divulgada.

Sendo o que nos cumpria ao momento, permanecemos à disposição para esclarecimentos adicionais.

Atenciosamente,

JBS S.A.

Jeremiah Alphonsus O’Callaghan
Diretor de Relação com Investidores